



# Como a dependência de semicondutores taiwaneses pode evitar um conflito armado entre China e Estados Unidos

*How the dependence on Taiwanese semiconductors might prevent an armed conflict between China and the United States*

*Cómo la dependencia de los semiconductores taiwaneses puede prevenir un conflicto armado entre China y Estados Unidos*

Recebido em: 01 de agosto de 2023  
Aprovado em: 12 de dezembro de 2023

DOI: 10.5752/P.1809-6182.2023v20n1p11-23

Pedro Antonio Saraiva de Carvalho Pereira Francez<sup>1</sup>

## Resumo:

*O mundo está cada vez mais globalizado. Conflitos outrora regionais não se aplicam mais apenas a localidade de origem. Países interconectados entre si conseguem sentir conflitos teoricamente alheios à suas capacidades. Com a tecnologia bélica evoluindo, há o eterno medo de eclodir uma Terceira Guerra Mundial, e estopins e possíveis fagulhas são analisados ao redor do globo. A China tentando reaver o controle de Taiwan com os Estados Unidos declarando que protegerá a ilha em caso de invasão militar chinesa certamente atrai preocupações. Taiwan se protegeu das ameaças chinesas através da educação e tecnologia, produzindo semicondutores essenciais para o funcionamento da economia mundial. Esta especialização taiwanesa causou graus de vulnerabilidade e sensibilidade em diversos países, onde fez com que a paz e soberania na ilha fosse essencial para o mundo. Sob a luz da teoria da interdependência complexa de Keohane & Nye, este artigo visa elucidar quais motivos impedem um conflito armado entre China e Estados Unidos pela independência ou anexação definitiva de Taiwan.*

**Palavras-chave:** *Interdependência Complexa; Semicondutores; Sensibilidade; Taiwan; Vulnerabilidade.*

## Abstract:

*The world is increasingly globalized. Regional conflicts are not restricted only to the original area anymore. Countries that have a bound of interconnection can feel the reflexes of a conflict that theoretically does not concern to them. With war technology evolving, there is the eternal fear of a Third World War breaking out, and possible start points and Sparks are analyzed around the globe. China trying to regain control of Taiwan with the*

<sup>1</sup> Mestre em História pela Universidade Federal do Espírito Santo e Doutorando em Relações Internacionais pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais. Email: pedro.francez27@gmail.com

*United States of America declaring that They will protect the island in case of Chinese's military invasion certainly raises concerns. Taiwan protected itself from Chinese threats through education and technology, producing semiconductors essential for the functioning of the world economy. This Taiwanese specialization provoke degrees of vulnerability and sensibility in several countries and therefore, the peace and sovereignty on the island it is essential for the world. In the light of Keohane & Nye's Complex Interdependence theory, this article aims to elucidate the reasons that prevent an armed conflict between China and United States for the independence or definitive annexation of Taiwan.*

**Keywords:** *Complex Interdependence; Semiconductors; Sensibility; Taiwan; Vulnerability.*

**Resumen:**

*El mundo está cada vez más globalizado. Los conflictos regionales ya no se limitan únicamente al área original. Los países que tienen un límite de interconexión pueden sentir los reflejos de un conflicto que teóricamente no les concierne. Con la evolución de la tecnología bélica, existe el temor eterno de que estalle una Tercera Guerra Mundial, y se analizan posibles puntos de partida y chispas por todo el mundo. China intentando recuperar el control de Taiwán, con los Estados Unidos de América declarando que protegerán la isla en caso de una invasión militar china ciertamente genera preocupación. Taiwán se protegió de las amenazas chinas a través de la educación y la tecnología, produciendo semiconductores esenciales para el funcionamiento de la economía mundial. Esta especialización taiwanesa provoca grados de vulnerabilidad y sensibilidad en varios países y por tanto, la paz y soberanía en la isla es fundamental para el mundo. A la luz de la teoría de la Interdependencia Compleja de Keohane & Nye, este artículo pretende aclarar las razones que impiden un conflicto armado entre China y Estados Unidos por la independencia o anexión definitiva de Taiwán.*

**Palabras Clave:** *Interdependencia Compleja; Semiconductores; Sensibilidad; Taiwán; Vulnerabilidad.*

## INTRODUÇÃO

Um conflito armado entre os Estados Unidos da América e a República Popular da China seria devastador. Os resultados deste confronto seriam catastróficos, se é que remediáveis, pois são duas superpotências nucleares, dois dos maiores exércitos do mundo e com tecnologias extremamente avançadas.

Há anos observa-se no cenário internacional as animosidades escalonarem entre Estados Unidos e China com diversos pretextos. Em quase qualquer disputa internacional, o posicionamento destes países atua como diretrizes para países satélites, aliados e alinhados se posicionarem também. E convergindo ou divergin-

do, são tomados como 'norte posicional' por diversas outras nações.

Por serem nações referências na região, o objetivo – de todas as nações, mas principalmente – das nações hegemônicas é manter e/ou ampliar o que Morgenthau chamou de *status quo*. Tanto os Estados Unidos quanto a China são as maiores zonas de influência para os países ao seu redor, seja com comércio, cultura, costumes, política ou através da potencial força militar. A nação em que o objetivo externo se configura mais em conservar o poder em seu favor do que modificar a distribuição do mesmo, persegue uma política de manutenção do *status quo* (Morgenthau, 2003, p. 88).

Manter o status quo, em suma, significa um preservar e ampliar sempre o poder pendendo a balança do mesmo para si e utilizando das mais variadas táticas para tal feito, a fim de restringir ameaças futuras de desafios de poder. Em nossa leitura, China e Estados Unidos se encontram nesta situação. Mesmo teoricamente não participando da mesma região de interesse, ambos são superpotências, fato que faz o *status quo* não se restringir ao aspecto regional, pois através de comércio, alianças políticas, *soft power* e dentre outras táticas, a zona de influência de ambos os países transcendem as fronteiras regionais.

E essa abrangência do alcance do poderio e influência destas superpotências é que faz com que o medo de se eclodir um conflito armado em qualquer lugar do mundo, quando envolvido duas ou mais superpotências hegemônicas, se escalone em uma guerra de proporções catastróficas, afetando todo o globo de maneira substancialmente, assim como a Primeira e a Segunda Guerra mundial. Conflitos regionais que pouco afetam a dinâmica de países hegemônicos, infelizmente não chamam a atenção para uma resolução rápida, haja vista que o custo de uma resposta efetiva, pode variar dentre apenas financeiro ou se indispor com uma outra superpotência, como por exemplo, o mais novo conflito bélico entre Rússia e Ucrânia iniciado em 2020, não negligenciando a história de desavenças passadas que ainda se encontram sem resolução, como a Crimeia, em 2014.

Dentre as razões pela disputa russo-ucraniana se encontra a disputa pelo *status quo regional* não só dos países envolvidos diretamente na guerra, mas de outras hegemônias, como Estados Unidos da América e potências europeias. De acordo com Mearsheimer

(2014, p.77), os americanos e a gana dos países membros da OTAN de pressionar as fronteiras russas provocaram a tomada da Crimeia, em 2014, em uma retaliação russa que deveria ser óbvia e esperada e continua: “[...] o ocidente vem se movendo em direção ao quintal da Rússia e ameaçando seus principais interesses estratégicos” (Mearsheimer, 2014a, p. 77-78, tradução nossa)<sup>2</sup>.

Em outra perspectiva do conflito, temos o argumento de que a Ucrânia não entraria na OTAN, que é uma organização militar, mas sim em um acordo de livre-mercado entre a Europa, o que não significaria uma ameaça bélica (Sestanovich, 2014, p. 174), e que a política externa russa não se tornou mais agressiva em resposta às políticas americanas, mas sim como resultado das dinâmicas de suas políticas internas, como seu processo eleitoral fraudulento, que gerou insatisfação interna e pressionou a agenda externa russa (McFaul, 2014, p. 169).

Independente da perspectiva adotada, salienta-se a disputa pelo *status quo*. O próprio Mearsheimer (2014b, p. 175), em resposta a Sestanovich e McFaul na mesma revista, reconhece que a expansão da União Europeia e a promoção da democracia são ameaças aos interesses russos o que corrobora que a disputa pelo *status quo* das hegemônias está presente em ambos os entendimentos do conflito. E, como a Ucrânia, Taiwan se encontra entre uma disputa de duas hegemônias, China e Estados Unidos, em busca da ampliação de seus respectivos *status quo*.

<sup>2</sup> “[...] the West had been moving into Russia’s backyard and threatening its core strategic interests.”

## A DISPUTA VELADA PELO STATUS QUO DE TAIWAN

China e Estados Unidos debatem constantemente pela disputa de soberania em diversas frentes de conflitos ao redor do mundo. Muitas vezes, terceirizando suas participações para evitar o choque direto entre si, seja apoiando lados opostos de um conflito já existente, como por exemplo a situação Norte e Sul coreana.

Quando a disputa é diretamente da parte com o país hegemônico, a outra hegemonia financia, incentiva, apoia o outro lado, pois, pensando no cenário global como um todo. Em um cenário de disputa de poder, visando a política externa de cada país, qualquer conflito que possa enfraquecer uma superpotência rival, vale o investimento ou até a não interferência para solucioná-lo.

De acordo com Morgenthau (2003, p.64), a política de *status quo* é uma posição de poder já estabelecida contra a tentativa de se implantar uma nova. A China é uma superpotência consolidada no continente asiático, e os Estados Unidos também têm sua influência naquela região através de bases militares, como na Coreia do Sul e no Japão<sup>3</sup>, acordos bilaterais<sup>4</sup> e vantagens econômicas<sup>5</sup>. E o conflito entre China e Estados Unidos

pela independência ou não de Taiwan não foge a essa regra.

Em 1970, ainda no contexto de um mundo bipolar devido a Guerra Fria (1947-1991), Taiwan sofreu um duro golpe contra a sua independência e autonomia, que ainda não é declarada. As Nações Unidas concediam o assento chinês em suas reuniões para a República da China, que hoje é conhecida por Taiwan. Isto era feito, porque a capital de toda China oficialmente estava sediada em Taipei, no pós-segunda guerra mundial. Havia este embate entre a ONU e a China continental no período de Guerra Fria, pois os países ocidentais capitaneados pelos Estados Unidos não almejavam conceder poderes ao regime comunista que se instaurava formalmente na parte continental do país desde 1949, iniciado por Mao Tsé-tung. Para as nações ocidentais, possuíam diferenciações entre a China continental e a ilha em que conhecemos hoje como Taiwan, sendo respectivamente República Popular da China (China Continental) e República da China (Taiwan).

A República da China (Taiwan) era considerada como a “China Livre” pelas nações ocidentais. Por este fator, o assento chinês na ONU, bem como poder de voto e veto, representações em assembleias e conselhos, e participações em formalidades estavam assegurados pelo governo presente em Taipei, e não na China Continental (Ko, 2004, p. 146).

Porém, em 1971, depois de extensas negociações e principalmente por receio do poderio e preocupação de ambos com os soviéticos da URSS e de como uma aliança entre China e Estados Unidos auxiliaria nesta questão (Tucker, 2005, p. 117), o assento na ONU, que antes pertencia a Taiwan, foi concedido à China Continental, e Pequim logo

3 De acordo com o Defense Manpower Data Center (2023), os Estados Unidos possuem 24.159 mil militares americanos na ativa em bases dentro da Coreia do Sul e 53.246 mil militares em bases no Japão, fora civis militares ou famílias de militares.

4 Acordos bilaterais em diversas áreas como a Declaração de Washington, na segurança, que prevê, dentre outros, o envio de um submarino nuclear americano periodicamente para a Coreia do Sul, além de inserir o país no “guarda-chuva” nuclear de proteção americana (The White House, 2023).

5 O mais recente deles é o acordo firmado entre Estados Unidos e Japão que isenta ambos os países de impostos e taxas sobre exportação de minerais críticos para a produção de baterias de carros elétricos. A China possui amplo domínio neste mercado e os americanos almejam diminuir a vulnerabilidade deles sobre o tema (Swanson, 2023).

se apressou em determinar medidas que garantissem que Taiwan não se rebelasse, como restrições de liberdades, aumentando seu controle na ilha, na década de 70.

Com a ilha sob controle da China, restavam poucas alternativas a Taiwan, ou o confronto bélico direto, que seria um fracasso total e resultaria em milhares de mortes, ou um plano mais a longo prazo, que a princípio, o governo chinês acharia lucrativo e conseguiria passar despercebido. Este projeto consiste em utilizar o mercado e as vantagens comparativas do país aumentando a dependência de agentes externos à sua economia e atrelando-a a sua independência. Basicamente utilizando o mercado e as vantagens de Taiwan contra a própria China.

No contexto de dominância, Taiwan da década de 70 era dispendiosa. O impacto das crises globais do petróleo atingiu a economia da ilha – assim como sentida em todo o globo -, ampliando a situação de dependência da China, haja vista que a maioria dos acordos comerciais bilaterais foram suspensos devido ao não-reconhecimento de Taiwan como um Estado independente pós-1971, por conseguinte, países mantendo acordos bilaterais com a província rebelde sinalizava à China que não respeitavam sua soberania sobre aquele território, o que geraria conflitos e indisposições internacionais com os chineses e seus aliados, sob o qual a maioria esmagadora dos países preferiu evitar, inclusive os Estados Unidos, que suspendeu as ajudas e facilidades de empréstimos para não agredir a soberania chinesa.

Os americanos eram responsáveis por mandar ajudas substanciais para desenvolver a indústria, bem como utilizava a ilha como um ato de resistência ao comunismo que se

implementara pouco a pouco no leste asiático, com aportes principalmente na década de 50 e 60. Para se ter um parâmetro, 31% de todo o investimento estrangeiro que os Estados Unidos da América realizavam ao redor do mundo em agricultura, indústria e tecnologia entre os anos 1951-1953 era localizado em Taiwan (Ko, 2004, p. 171).

Com essa baixa brusca no orçamento, Taiwan precisou se reinventar. O cenário regional do leste asiático em meados dos anos 70 era o investimento em tecnologia, principalmente encabeçado por Coreia do Sul, Japão e Hong Kong, esta última, em situação semelhante a Taiwan, já que estava sob domínio britânico, almejava a independência, porém, retornada aos domínios chineses oficialmente em 1984, como Taiwan.

O contexto em que se encontra Taiwan é o de independência não reconhecida pelos demais países do sistema internacional. De fato, Taiwan é coagida com ameaças bélicas diretas a não iniciar um processo de independência, pois caso faça, eclodirá uma guerra. Constantemente posições e discursos oficiais diretamente ameaçam Taiwan, como por exemplo o discurso do hoje ex-Ministro da Defesa Wu Qian: “Nós estamos falando sério com as Forças pela independência de Taiwan: Aqueles que brincam com fogo irão se queimar, e a independência de Taiwan significa guerra” (Zhen, 2021, tradução nossa)<sup>6</sup>.

---

<sup>6</sup> “We are seriously telling those Taiwan Independence forces: those who play with fire will burn themselves, and Taiwan Independence means war”

## **A DEFESA DAS FRONTEIRAS PELA INTERDEPENDÊNCIA COMPLEXA**

De acordo com Wendt (1999, p. 202), um Estado para ser designado como tal, necessita possuir cinco características basilares, são estas: Uma ordem institucional legal funcionando; uma organização que detenha o monopólio e o uso legitimado da força e violência (leia-se polícia e forças de segurança); uma organização com soberania; uma sociedade e um território estabelecido. Embora Taiwan não possua sua independência reconhecida formalmente por órgãos internacionais e a maioria dos países do mundo, a ilha possui características de um Estado-nação. O formalismo da independência de Taiwan não existir não impede a ilha de praticar sua independência de fato, haja vista que possui identidade corporativa de Estado (Kuntić, 2015).

Notório que, contando exclusivamente com suas próprias forças militares, Taiwan não se sustentará em um conflito armado contra a China. Então, o governo da ilha de Formosa submeteu-se à China militarmente e atua em outras frentes para igualar a balança de poder dentre as nações. Os investimentos massivos em tecnologia e em educação na área tecnológica foram o trunfo para Taiwan ganhar notoriedade e maior relevância, não só regional, mas globalmente.

Keohane e Nye explicam o conceito de vulnerabilidade e sensibilidade como fatores que quantificam uma interdependência entre atores internacionais. Em suma, a sensibilidade, é o ato de um Estado conseguir responder com rapidez a quaisquer eventuais contratempores internacionais, e a vulnerabilidade é medida através dos custos desta resposta – sejam

políticos, econômicos, sociais, etc. - se ela foi efetiva ou deixou seqüela à nação (Keohane; Nye, 2012, p. 231-234).

Um país é sensível a outro quando algo acontece além-fronteiras e o país sente. Quanto mais sensível um país é em relação a outro, maior sua dependência, haja vista que a estabilidade do país não depende apenas de seu governo, mas sim, se o outro país está fazendo um bom trabalho também. E vulnerabilidade é o ato de conseguir responder para minimizar os danos causados pela sensibilidade. Se um país conseguir responder com altivez sua sensibilidade, ele é mais sensível que vulnerável.

A China ao final da década de 1970, época cuja as mudanças da ONU já se configuravam estabelecidas, pouco era 'sensível' ou 'vulnerável' a Taiwan. Se uma crise ocorresse na ilha, afetaria o preço dos peixes no continente, talvez um ou outro imbróglio militar, todavia controlado e nada fora do esperado.

Porém, a recíproca não valia para ambos. Com Taiwan fora da ONU, seus acordos econômicos independentes do governo de Pequim praticamente inexistiam, e os que se mantiveram, não eram substanciais. A sensibilidade sobre o que acontecia na China era enorme, e a vulnerabilidade acompanhava, pois o poder de resposta também não existia.

O investimento alocado em educação e tecnologia rendeu frutos a longo prazo. O maior exemplo fora a criação do Parque Industrial de Ciências Hsinchu, inaugurado no final de 1980. Este complexo incentivava a produção de profissionais focalizando na área tecnológica além de descobertas de novas tecnologias. A situação de 'dependência' entre países ou atores variados é definido por Keohane e Nye (2012, p. 7) como quaisquer situações que afetam significativamente sua

política interna oriunda de forças externas. O Hsinchu não despertou os radares chineses de ameaça, pois, em teoria, seria proveitoso ter em seu domínio uma formação de mão-de-obra qualificada e descobertas tecnológicas, mesmo que em uma província rebelde, além de que os chineses não previram que ficariam dependentes, sensíveis e vulneráveis a curto prazo da tecnologia taiwanesa.

Mas isso aconteceu. Taiwan se desenvolveu tecnologicamente a ponto de produzir 56% de todos os semicondutores no mundo (Prashad, 2023, p.1) e 92% dos mais avançados, que possuem componentes menores que 10 nanômetros e maior capacidade (Buchholtz, 2023, p. 1). Esses semicondutores são essenciais para o funcionamento de aparelhos de uso cotidiano, como televisores, celulares, videogames, computadores, e também os de tecnologias mais avançadas, e até bélica. Com um amplo domínio de mercado em uma área tão relevante, todos os países do mundo aumentaram a sensibilidade e vulnerabilidade sobre o que acontece em Taiwan. Nenhum país no mundo consegue, a curto prazo, substituir Taiwan e sua produção de semicondutores com tanta eficiência, o que levaria a paralisação de produção de diversas empresas caso uma guerra eclodisse, proporcionando uma crise financeira catastrófica.

Os países ocidentais, capitaneados pelos Estados Unidos, também não almejam que a produção do praticamente “monopólio mundial” de semicondutores que Taiwan possui, caia nas mãos do governo de Pequim, pois seria uma arma letal contra os países ocidentais. Colocando em perspectiva com acontecimentos recentes, a Rússia invadiu militarmente a Ucrânia com nenhuma resistência militar do ocidente, não porque eles não queiram inter-

ferir, mas a Rússia detém o maior abastecimento de gás natural da Europa, que é um bem essencial para o aquecimento das casas, devido ao inverno rigoroso europeu. Todos os reflexos que o ocidente fez para repudiar a guerra não envolveram combater com tropas diretamente a Rússia. Se restringiram em respostas econômicas através de sanções, bloqueio de contas, retirada do sistema Swift, e financiamento de armamentos, mantimentos, ajudas humanitárias para a Ucrânia.

Nem mesmo os Estados Unidos, que diretamente não possui tanta vulnerabilidade ou sensibilidade ao interrompimento do fornecimento do gás russo, consegue atuar belicamente em prol da Ucrânia, pois, os americanos possuem indiretamente vulnerabilidade e sensibilidade ao continente europeu. E se uma crise sem precedentes ocorrer no Velho Continente – que é o que aconteceria em caso de interrompimento abrupto do fornecimento de gás russo -, os Estados Unidos sentiriam seus aliados e parceiros comerciais de longa data perecerem, diminuir importações e exportações, dentre outros reflexos, levando a uma crise americana também.

Do outro lado, também é custoso para a Rússia cortar o fornecimento de gás, que poderia levar a uma guerra de proporções catastróficas, e não localizada apenas na Ucrânia. A postura do presidente americano Joe Biden sobre o conflito russo-ucraniano sempre reitera a não-interferência direta militar.

“Nós não procuramos uma guerra entre OTAN e Rússia. [...] Enquanto os Estados Unidos ou nossos aliados não são atacados, nós não estaremos diretamente engajados neste conflito enviando tropas americanas para lutar na Ucrânia ou para atacar as Forças Russas.” (Biden, 2022)

Sobre Taiwan, as declarações do governo americano são diferentes. Em caso de invasão chinesa, as declarações de chefes de Estado americanos não se restringem a questões econômicas e políticas. Os Estados Unidos, de fato, já declararam reiteradas vezes que defenderiam militarmente Taiwan em caso de invasão chinesa para tentar controlar a província rebelde. Joe Biden, atual presidente americano, no dia 23 de maio do ano de 2022 em visita ao Japão afirmou o compromisso de defender Taiwan militarmente quando interpelado por um repórter (Liptak; Judd, 2022, p.1). Sob a ótica americana, o controle político e econômico de Taiwan não é tratado como um problema interno chinês. O praticamente monopólio da produção de semicondutores no mundo faz com que a independência da província rebelde seja fator fundamental à política externa do ocidente. Os semicondutores atualmente são bens essenciais para produção da maioria dos aparelhos eletrônicos. Até o momento, insubstituíveis. Esta dependência do produto taiwanês atua como um “escudo de silício” protegendo a ilha de eventuais ataques chineses para a retomada de controle do seu território.

Esta mudança de postura entre a situação da Ucrânia e Taiwan pelos Estados Unidos exemplifica como os americanos possuem maior vulnerabilidade e sensibilidade se a produção de semicondutores taiwaneses ficarem sob controle exclusivo chinês. A curto prazo, a produção de grãos da Ucrânia consegue ser substituída. Os preços de alguns produtos ao redor do globo aumentarão, os reflexos de um conflito desta magnitude são sentidos em diversos países, principalmente os menos abastados, onde o aumento de preço de produtos alimentícios acarretam em fome. Mas há a possibilidade de substituir as importações ucrania-

nas, utilizar de outros países que produzem os grãos, haja vista que o país não é o maior produtor da área. Esta mesma lógica se aplica para energia nuclear e equipamentos, outro comércio em que Kiev possui destaque. A escassez do produto se deverá ao preço aplicado à ele, e não a inexistência da mercadoria em si.

O mercado de semicondutores é diferente do mercado de grãos ou energia nuclear ucraniano. Taiwan é líder disparada no seguimento, e quando se trata de nanotecnologia em semicondutores, produz mais de 90% no mundo, deixando para trás a Coreia do Sul, que é a segunda colocada.

Bens de primeira necessidade utilizam de semicondutores para funcionar. Em caso de uma guerra e paralização da produção, empresas de tecnologia ao redor do mundo como Apple, Google, Microsoft, Samsung, Sony, e outras empresas que empregam tecnologia em seus produtos, como a indústria automobilística, por exemplo, seriam forçadas a parar suas produções pela escassez de semicondutores.

A quantidade de empregos e produtos dependentes destes componentes é incalculável. Taiwan utiliza a sensibilidade e vulnerabilidade dos países à seus semicondutores como autodefesa da China. A dependência dos Estados Unidos dos semicondutores taiwaneses é considerada uma proteção – ‘Escudo de Silício’ - contra ameaças da China de reintegração de posse.

A China continental não detém o controle das fábricas taiwanesas. Taiwan atua independentemente das políticas chinesas em diversas áreas. Apesar de possuírem relações comerciais, elas não demonstram um sentimento de pertencimento. Há relações comerciais e leis estritamente direcionadas para investimentos de chineses do continente. Tai-

wan não é regida pelas normas constitucionais chinesas, mas sim possui sua própria constituição e autonomia para aplicá-la. É expressamente proibido pessoas filiadas ao Partido Comunista Chinês, militares ou ex-militares de investirem na ilha, mesmo que como civis. Outras grandes companhias chinesas muitas vezes são restritas a investirem em ‘áreas não-estratégicas’ definidas pelo governo de Taiwan (Taiwan, 2022).

Dado o exposto acima, Taiwan possui diversas restrições sobre capital da China continental dentro da ilha, mesmo que advindo de civis. A regulação que perpassa um chinês do continente ou até um taiwanês que mora no continente é diferenciada. Existem leis duríssimas que regulam o cidadão que possuiu contato com o continente. Nenhum cidadão da China continental pode entrar em Taiwan sem a autorização da autoridade competente taiwanesa, e mesmo as que forem autorizadas a entrada, não poderão participar de atividades que sejam inconsistentes com o visto<sup>7</sup>. Mesmo os cidadãos da China continental que aplicarem para um visto de reunião familiar será entrevistado, colhido as impressões digitais e registrado. Expressamente proibido entrar sem estas etapas<sup>8</sup>. (Taiwan, 2022)

7 Art. 10: “No people of the Mainland Area may enter into the Taiwan Area without permission of the competent authorities. Any of the people of the Mainland Area who are permitted to enter into the Taiwan Area may not engage in any activity inconsistent with the purposes of the permission. Rules governing the granting of permission referred to in the preceding two paragraphs shall be drafted by the competent authorities concerned and submitted to the Executive Yuan for approval.”

8 Art. 10-1: “Any of the people of the Mainland Area who apply to enter into the Taiwan Area for family reunion, residency, or permanent residency shall be interviewed, fingerprinted, and registered for record; where it fails to be interviewed or fingerprinted, no permission shall be granted to its application for family reunion, residency, or permanent residency. Governing rules thereof shall be prescribed by the competent authorities.”

O capital chinês em Taiwan é extremamente regulado. Os chineses, mesmo empresas compostas por civis, não podem investir em segmentos não autorizados pelo governo taiwanês. E, caso autorizados, há diversas regulações sobre qual a porcentagem máxima da empresa que poderá pertencer a chineses, bem como regulações pesadas, até expondo ao governo taiwanês a lista de acionistas, mesmo que minoritários, e o balancete interno de lucros da empresa (Taiwan, 2023).

Esta regulação extrema é justificada pela segurança nacional. O hoje ex-Ministro da Economia Su Chi-yen enquanto estava no cargo declarou em entrevista que companhias chinesas são restritas a investir em setores não-sensíveis, como atacado e varejo. proteger a inteligência empresarial [de Taiwan] é uma questão de segurança nacional” (Oung, 2020). Se considerarmos Taiwan um país, a ilha ficaria proporcionalmente em terceiro dentre os Estados que mais aplicam fundos em pesquisa e desenvolvimento, com cerca de 3,5% do produto Interno Bruto apenas para este fim (Cauti, 2022, p.1).

Mesmo em segmentos considerados não-sensíveis por Taiwan, a lei da ilha restringe porcentagem e regula com atenção os investidores advindos da China continental, mesmo estrangeiros ou até taiwaneses que lá residem. Já no quesito defesa nacional, há dois aspectos relevantes: primeiramente, o fato dos semicondutores, bem como todo o complexo Hsinchu direcionarem seus progressos também para a tecnologia militar (So, 2006, p. 71), sendo os semicondutores necessários para radares, drones e até em mísseis teleguiados, assim, incrementando a indústria bélica não só de Taiwan, mas de parceiros comerciais que possam vir a defender a ilha em caso de uma invasão chinesa.

O segundo aspecto é que ser o grande produtor de semicondutores mundial, fazendo com que os Estados Unidos da América possuam uma alta sensibilidade sobre o que acontece em Taiwan, é um reforço à segurança da ilha de quaisquer eventuais conflitos armados que ameacem sua independência de fato. Em um mundo interconectado, o que acontece em Taiwan refletirá dentro das fronteiras americanas enquanto os Estados Unidos não reduzir esta dependência dos semicondutores taiwaneses.

Combinando a massiva produção e avançada capacidade de manufaturar os chips tecnológicos com a dependência mundial dos semicondutores, Taiwan consegue se proteger das ameaças chinesas contra sua independência e soberania. A manobra taiwanesa está catalogada na academia como “o escudo de silício”, que em conjunto com a economia forte e superavitária da ilha, se tornam essenciais para a segurança nacional do país (Nordin; Stünkel, 2022, p.5).

O fato de os semicondutores taiwaneses não possuírem até a presente data substitutos à altura em qualidade e tamanho de produção, além da tecnologia para tal ser extremamente protegida por Taiwan como questão de segurança nacional, torna países hegemônicos e com poderio militar alto, como os Estados Unidos, vulneráveis ao que acontece na ilha. A defesa da soberania de Taiwan pelos americanos é provocada por esta vulnerabilidade. Ao contrário dos produtos ofertados pela Ucrânia, Taiwan e seu praticamente monopólio da produção de semicondutores - produto este essencial e sem substituição no mercado - implicam com que a importância da independência da província rebelde seja fundamental para a economia americana.

Por outro lado, a existência de uma Taiwan independente da China, todavia, está interconectada a produção e monopólio dos semicondutores, além da incapacidade de substituição deste componente. Keohane e Nye (2012, p. 233) utilizam o termo ‘interdependência de vulnerabilidade’ para explicar este fenômeno. Atores podem ter suas escolhas de ação limitadas pela interdependência. A declaração dos Estados Unidos afirmando categoricamente que defenderão militarmente Taiwan em caso de tentativa de ocupação militar chinesa pode indicar que suas opções de ação no conflito tenham sido limitadas pela vulnerabilidade que o país possui causada pelos semicondutores.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em suma, o “escudo de silício” atua com uma arma de defesa para Taiwan, pois uma ação contra a ilha acarretaria uma ameaça a cadeia de suprimentos global de semicondutores, sem substituição imediata, nem há uma sinalização de substituição a curto e médio prazo para a indústria taiwanesa no mundo.

O fato de os semicondutores serem produtos essenciais para diversas áreas e não possuírem substituições faz com que a sensibilidade e vulnerabilidade de países hegemônicos perpassa pelo que acontece na ilha.

Ameaças a soberania de Taiwan são sentidas mesmo em países tidos como hegemônicos. O não-desejo de que a indústria de semicondutores fique sob domínio exclusivo chinês é uma forte motivação para os países aliados dos Estados Unidos, principalmente ocidentais – mas não descartando aliados orientais como Japão e Coreia do Sul -, entrem em conflito bélico para defender a autonomia de Taiwan.

Acordos econômicos são feitos bilateralmente com Taiwan, como se a ilha fosse independente, perpassando a autoridade do governo chinês, que considera este ato uma afronta, mandando mensagem para forças dentro do país que almejam a soberania completa da ilha (G1, 2023, p.1). Porém, apesar da indisposição da China com os Estados Unidos, temos um impasse generalizado onde ambos os países dependem de Taiwan para a produção de semicondutores, inclusive para fazer guerras, pois se trata de matéria-prima essencial utilizada nas indústrias bélicas de todo o mundo.

Também é característica do “escudo de silício” o fato de que diversas indústrias e economias seriam afetadas por um conflito bélico em Taiwan, pois a produção de semicondutores estaria em risco e o custo de uma guerra seria maior que o ganho, mesmo para o lado vencedor do conflito, graças a interdependência complexa que o mundo possui. Duas superpotências, as maiores economias mundiais, Estados Unidos e China, juntos são responsáveis pelos maiores volumes no mercado financeiro, seja de importações ou exportações, inclusive entre as partes, o que os tornam sensíveis e vulneráveis, dependentes uns dos outros.

As demonstrações de poder entre os países na região, seja através de declarações de seus representantes ou de manobras militares, caracterizam um *soft power* para manter o *status quo regional*, não deixando sem resposta as ações de seus rivais, além de demarcarem posição numa tentativa de demonstrar hegemonia.

Antes de iniciar um conflito armado, os países estudam os custos do conflito, e estes custos não são apenas financeiros. Morgenthau (2003, p. 295-320) define este estudo como

“avaliação do poder nacional”, onde além da lógica simplista de avaliar seu poder bélico perante o do adversário, é considerada toda forma de poder no cálculo avaliativo. Relações políticas, geopolítica, custos, tempo... todos estes exemplos fazem parte de uma avaliação de poder. E esta avaliação precisa ser honesta, isenta de nacionalismos, pois apenas um erro de cálculo pode custar a soberania nacional e a prosperidade do país.

Os Estados Unidos dependem de Taiwan em diversos aspectos de sua economia por conta dos semicondutores faz com que não apenas o exército de Taiwan seja levado em conta em uma “avaliação do poder nacional” feita pela China, mas também o dos Estados Unidos e de todos os outros países aliados aos americanos que, por algum motivo, seriam persuadidos a auxiliá-los em um possível conflito armado.

Este é o “escudo de silício” de Taiwan, que prospera devido a dependência mundial dos semicondutores produzidos na ilha rebelde. O quanto esta proteção irá durar? Não podemos precisar. Depende do avanço da tecnologia e do investimento em semicondutores pelos outros países. Mas Taiwan ainda tem outras artimanhas para garantir que perdure este domínio do mercado: o preço de sua mão-de-obra e produção. Países com amplas leis trabalhistas e impostos mais altos dificilmente conseguirão competir com os preços de Taiwan.

O investimento em pesquisa e desenvolvimento ser alto em Taiwan não causa espanto aos analistas internacionais, pois este investimento também atua como um investimento em defesa nacional, que todo o país possui. Através do investimento e desenvolvimento e da ciência, o “escudo de silício” que permeia a ilha formosa está cada vez mais reforçado, mantendo intacta suas fronteiras, seus quase 24 milhões de ha-

bitantes e resguardando sua autonomia como país independente, que a China insiste em chamar de ‘província rebelde’.

Enquanto persistir a dominância global no mercado dos semicondutores em Taiwan, bem como a continuidade da importância dos mesmos semicondutores como matéria-prima de produtos essenciais para a economia global, um conflito armado na região continuará desestimulado devido ao alto custo e a vulnerabilidade dos países ao produto. O futuro e a vinda de novas tecnologias também podem complicar Taiwan, mas pelos investimentos em educação, tecnologia e desenvolvimento da ilha, os taiwaneses estão se preparando para ele. Com isto, o “escudo de silício” fica cada vez mais reforçado, blindando o país sem levantar nenhuma parede, mas a interdependência complexa o faz mais intransponível que muitos tanques de fabricação chinesa ou americana.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BIDEN, Joe. President Biden: What America Will and Will Not Do in Ukraine. **The New York Times**, 2022. Disponível em: <<https://www.nytimes.com/2022/05/31/opinion/biden-ukraine-strategy.html>>. Acesso em: 30 nov. 2023.

BUCHHOLTZ, Katharina. Advanced Microchip Production Relies On Taiwan. **Forbes**, 2023. Disponível em <<https://www.forbes.com/sites/katharinabuchholz/2023/01/13/advanced-microchip-production-relies-on-taiwan/?sh=4d80a7ba371d>>. Acesso em: 19 jun. 2023.

CAUTI, Caio. Como Taiwan se tornou uma potência econômica (e por que hoje é tão importante para o mundo). **EXAME**, 2022. Disponível em: <<https://exame.com/mundo/taiwan-potencia-economica-fundamental-china-eua/>>. Acesso em: 20 jul. 2023.

DEFENSE MANPOWER DATA CENTER. Number of Military and DoD Appropriated Fund (APF) Civilian Personnel By Assigned Duty Location and Service/Component. **DMDC**, 2023. Disponível em: <<https://dwp.dmdc.osd.mil/dwp/app/dod-data-reports/workforce-reports>>. Acesso em: 17 nov. 2023.

G1. **EUA e Taiwan assinam acordo comercial; China reclama de ‘sinais erras às forças de independência’**. 01 jun. 2023. Disponível em: <<https://g1.globo.com/mundo/noticia/2023/06/01/eua-e-taiwan-assinam-acordo-comercial-china-reclama-de-sinais-errados-as-forcas-de-independencia.ghtml>>. Acesso em: 22 jul. 2023.

KEOHANE, Robert O.; NYE, Joseph S. **Power and Interdependence**. 4ª ed. Nova York: Longman, 2012.

KO, Jim W. Cold War Triumph: Taiwan democratized in spite of U.S. efforts. **Case Western Reserve Journal of International Law**. Ohio, v. 36, nº 1, p. 137-181, 2004. Disponível em: <<https://scholarlycommons.law.case.edu/cgi/viewcontent.cgi?article=1389&context=jil>>. Acesso em: 18 jul. 2023.

KUNTIĆ, Dario. The Ominous Triangle: China-Taiwan-the United States relationship. *Croatian International Relations Review*, 2015. Disponível em: <[https://www.researchgate.net/publication/276511720\\_The\\_Ominous\\_Triangle\\_China-Taiwanthe\\_United\\_States\\_relationship](https://www.researchgate.net/publication/276511720_The_Ominous_Triangle_China-Taiwanthe_United_States_relationship)>. Acesso em: 29 nov. 2023

LIPTAK, Kevin; JUDD, DJ. Biden diz estar disposto a “responder militarmente” se a China invadir Taiwan. **CNN**, 2022. Disponível em: <<https://www.cnnbrasil.com.br/internacional/biden-diz-estar-disposto-a-responder-militarmente-se-a-china-invadir-taiwan/>>. Acesso em: 19 jul. 2023.

MEARSHEIMER, John J. Why the Ukraine Crisis Is the West’s Fault: The Liberal Delusions That Provoked Putin. **Foreign Affairs**, Vol. 93, nº 5, p. 77-89, set-out. 2014a. Disponível em: <<https://www.jstor.org/stable/24483306>>. Acesso em: 16 nov. 23.

\_\_\_\_\_, Mearsheimer Response, p. 175-178. In: *Faulty Powers: Who Started the Ukraine Crisis?* **Foreign Affairs**, Vol. 93, nº 6, p. 167-178, nov-dez 2014b. Disponível em: <<https://www.jstor.org/stable/24483933>>. Acesso em: 16 nov. 2023.

MCFAUL, Michael. Moscow’s Choice, p. 167-171. In: *Faulty Powers: Who Started the Ukraine Crisis?* **Foreign Affairs**, Vol. 93, nº 6, p. 167-178, nov-dez 2014. Disponível em: <<https://www.jstor.org/stable/24483933>>. Acesso em: 16 nov. 2023.

MORGENTHAU, H. **A Política Entre as Nações**: a luta pelo poder e pela paz. São Paulo: Universidade de Brasília, 2003.

NORDIN, Johannes; STÜNKEL, Larissa. Issue brief EU-Taiwan semiconductor cooperation: Lopsided priorities?. **Institute for Security & Development Policy**, 2022. Disponível em: <<https://isd.eu/publication/eu-taiwan-semiconductor-cooperation-lopsided-priorities/>>. Acesso em: 20 jul. 2023.

OUNG, Angelica. Ministry tightens Chinese investment regulations. **Taipei Times**, 2020. Disponível em: <<https://www.taipetimes.com/News/front/archives/2020/12/31/2003749681>>. Acesso em: 20 fev. 2024.

PRASHAD, Vijay. Como a guerra dos EUA sobre os semicondutores de Taiwan pode beneficiar o Japão. **OPERA**, 2023. Disponível em: <<https://revistaopera.com.br/2023/05/25/como-a-guerra-dos-eua-sobre-os-semicondutores-de-taiwan-pode-beneficiar-o-japao/>>. Acesso em: 19 jun. 2023.

SESTANOVICH, Stephen. How the West Has Won, p. 171-175. In: *Faulty Powers: Who Started the Ukraine Crisis?* **Foreign Affairs**, Vol. 93, nº 6, p. 167-178, nov-dez 2014. Disponível em <<https://www.jstor.org/stable/24483933>>. Acesso em: 16 nov. 2023.

SO, Bennis Wai Yip. Reassessment of the state role in the development of high-tech industry: A case study of Taiwan’s Hsinchu Science Park. **East ASIA**, v. 23, nº 2, p. 61-86, jun. 2006. Disponível em: <<https://link.springer.com/article/10.1007/s12140-006-0023-0>>. Acesso em: 20 jun. 2023.

SWANSON, Ana. U.S. and Japan Reach Deal on Battery Minerals. **The New York Times**, 2023. Disponível em: <<https://www.nytimes.com/2023/03/27/business/economy/us-japan-battery-minerals-deal.html>>. Acesso em: 17 nov. 2023.

TAIWAN. Conselho de Assuntos do Continente. Act Governing Relations Between the People of the Taiwan Area and the Mainland Area. Taiwan, 2022. Disponível em <<https://law.moj.gov.tw/ENG/LawClass/LawAll.aspx?pcode=Q0010001>>. Acesso em: 02 nov. 2023.

TAIWAN. Regulations Governing Permission and Administration of Securities and Futures Business Dealings and Investments Between the Taiwan Area and the Mainland Area. Taiwan, 2023. Disponível em: <<https://law.moj.gov.tw/ENG/LawClass/LawAll.aspx?pcode=Q0040005>>. Acesso em: 02 nov. 2023.

THE WHITE HOUSE. Washington Declaration, 2023. Disponível em: <<https://www.whitehouse.gov/briefing-room/statements-releases/2023/04/26/washington-declaration-2/>>. Acesso em: 17 nov. 2023.

TUCKER, N. B. (2005). Taiwan expendable? Nixon and Kissinger go to China. **The Journal of American History**. Reino Unido, v. 92, nº 1, p. 109-135, jun. 2005. Disponível em: <<https://academic.oup.com/jah/article/92/1/109/782900>>. Acesso em: 18 jul. 2023.

WENDT, Alexander. **Social Theory of International Politics**. Cambridge: Cambridge University Press, 1999.

ZHEN, Liu. 'Taiwan independence means war': China's defence ministry warns Joe Biden against siding with Taipei. **South China Morning Post**, 2021. Disponível em: <<https://www.scmp.com/news/china/military/article/3119663/taiwan-independence-means-war-chinas-defence-ministry-warns>>. Acesso em: 29 de nov. 2023.